XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

Escola e comunidade. Estudo de práticas e percepções.

Yolanda Lima Lobo y Angellyne Moço Rangel.

Cita:

Yolanda Lima Lobo y Angellyne Moço Rangel (2009). *Escola e comunidade. Estudo de práticas e percepções. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/2016>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Escola e comunidade

Estudo de práticas e percepções

Yolanda Lima Lobo

yolilobo@ibest.com.br

Profª. Drª. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

Angellyne Moço Rangel

angemrangel@yahoo.com.br

Mestranda em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

I- INTRODUÇÃO

O estudo das relações entre a escola e a comunidade abrange um campo de investigação muito vasto e por isso mesmo de difícil tratamento conjunto. Compreende, de um lado, a escola sob vários aspectos em que se apresenta; de outro, um determinado segmento da vida social, uma população localizada numa área específica, com todas as suas características sociais e culturais. A necessidade metodológica de delimitar, para o estudo, áreas menores dentro de campo tão extenso, torna-se neste caso uma imposição da qual não se pode fugir sem correr o risco de comprometer todo o trabalho. Assim sendo, buscar-se-á examinar as relações entre a escola e a comunidade procurando identificar os ideais educacionais da escola, especificamente, da pré-escola da rede pública municipal de Campos dos Goytacazes-RJ, e aqueles ideais perseguidos pelos pais de alunos, com o propósito de esclarecer o papel que a escola está desempenhando na socialização da criança e a forma por que está servindo às diferentes camadas da população a que se destina.

No estudo das relações entre a escola e a comunidade, do papel que a escola desempenha em relação às crianças que a procuram, consideramos importante conhecer as atitudes e valores do grupo de professores a fim de que se possam avaliar as suas implicações na realização da tarefa educativa da escola. Como ponto de partida para a descoberta de tais valores e atitudes, investigamos a composição social do grupo, a importância e o significado para o mesmo da escolha dessa profissão, de forma a conhecer sua opinião sobre os objetivos que a educação pré-escolar deve alcançar. Ao indagar ao professor da pré-escola sobre quais são os objetivos que ele persegue na sua prática educacional, quer-se identificar em que medida as transformações do conceito de infância e de pré-escola ocorridas nestas últimas duas décadas estão presentes no seu discurso e na sua prática educativa.

Se o professor é um dos elementos centrais da educação, a família é elemento fundamental. Como a família escolhe a escola? Que estratégias educativas são usadas pelas famílias? Entre pais e professores há possibilidade de diálogos ou cada vez mais se acentua o abismo entre escola e família?

Um Questionário foi construído para levantar o perfil sócio-cultural dos profissionais de Educação Infantil e 154 professores o responderam. No momento da aplicação dos questionários fizemos uma consulta aos professores sobre a possibilidade de entrevistá-los. Dez professores concordaram em participar das entrevistas. Não se fez, portanto, nenhuma tentativa de selecionar uma amostra representativa de professores. Os entrevistados foram encorajados a falar livremente sobre seu ponto de vista sobre *onde e porquê* a escola está falhando ou acertando e sobre o conceito que tem da escola como instituição. Duas perguntas estruturaram as entrevistas: - “Na sua opinião, quais os objetivos que a atual pré-escola pretende alcançar?” – “Queremos saber sua opinião sobre a sua escola, a escola em que você trabalha, em que medida está sendo atingido cada um dos objetivos?” O ponto de vista do conhecimento para realizar as entrevistas fundamenta-se na micro-sociologia (LAHIRE, 1997; CONSORTE, 1959).

A estrutura organizacional da Educação Infantil em Campos dos Goytacazes compreende a creche (0-3 anos) e a pré-escola (4-5 anos). Para realizar o propósito de investigar quais devem ser os objetivos deste nível de ensino, trabalhamos somente com professores da pré-escola.

As respostas das 10 (dez) professoras entrevistadas foram agrupadas em três categorias básicas: *a Escola Ideal*; *o Aluno Ideal*; e o paralelo *a Escola Real e a Escola Ideal*.

II– CONCEITOS E GENERALIDADES QUE DEFINEM, EM PERSPECTIVAS E NÍVEIS DIVERSOS, O DOMÍNIO DO CONHECIMENTO E DA AÇÃO DA PROFESSORA DA PRÉ-ESCOLA.

1 – A Escola Ideal¹:

As professoras entrevistadas vêem a pré-escola como um nível de ensino que deve estar voltado para a socialização entendida em duas dimensões: a socialização como o processo de integração que engloba a melhoria da qualidade de vida das crianças e o despertar e a prática continuada da afetividade, do respeito ao espaço alheio e da troca dialógica de vivências e idéias com pessoas diversas daquelas que compõe o grupo familiar; a socialização como processo de desenvolvimento psicomotor, isto é, de apreensão de limites corporais e de dimensões espaciais, e cognitivo da criança (no que tange ao aprendizado de novos saberes). É na pré-escola que à criança serão oferecidas novas regras de convivência e de conduta, (relacionadas à responsabilidade, à autonomia, à cooperação e à reflexão) e novas maneiras de agir e se comportar – hábitos que, muitas vezes, podem se opor aos do seu meio de origem.

Podemos perceber, com base nas entrevistas, que a preparação da criança para que ela possa conhecer a si, o mundo e as pessoas ao seu redor, passa pela adaptação da mesma ao universo escolar e é acompanhada pela “superação” ou “aproveitamento” de alguns valores e conhecimentos trazidos de seu ambiente familiar. Para algumas professoras, o alunado possui hábitos conflitantes com os que são cultivados e esperados pela escola; por isso, devem ser transpostos, no sentido de facilitar e agilizar a adequação dos alunos às exigências da instituição de ensino. Para outras professoras, no entanto, os modelos comportamentais “originais” das crianças não podem ser simplesmente esquecidos; eles devem servir de referencial e via de comunicação harmoniosa entre o ambiente escolar e o ambiente familiar, devendo ser

¹ A categoria *escola ideal* encontra-se alicerçada em CONSORTE (1959). Em sua pesquisa sobre o ajustamento de crianças faveladas a uma escola pública elementar do Rio de Janeiro, a autora lista ideais educacionais perseguidos pelos professores daquela escola, como é o caso da superação, pelos alunos, em cada ano letivo, das dificuldades inerentes a cada série. Tal ideal conjuga-se aos ideais educacionais das professoras entrevistadas.

reavaliados e trabalhados, para que a acomodação da criança à escola se dê de maneira mais natural e espontânea.

2 – O Aluno Ideal²:

Para concretizar os objetivos da Educação Infantil, as professoras entrevistadas projetam as qualidades de um *aluno ideal*, que seria capaz de alcançá-los.

Observando os relatos das professoras entrevistadas, pode-se inferir que para elas, de uma maneira geral, o *aluno ideal* seria aquele: interessado em ouvir, fazer e aprender as lições; habilitado para interpretar pequenas histórias, memorizar, operar com um nível conceitual simples e apurar suas habilidades sensório-motoras (no sentido de boa capacidade de entendimento); iniciante do processo simbólico dos esquemas verbais – propenso a aprender a ler e a escrever (no mínimo reconhecer o alfabeto, o próprio nome, o nome dos colegas, etc); capaz de formar idéias de semelhanças/diferenças de objetos do mundo a sua volta e compreender as noções do próprio corpo (compreensão de limites); desinibido, participativo, sociável e “bem educado” (educação ligada à etiqueta e maneira de tratar outros indivíduos no espaço social); conformado às normas escolares e assíduo; obediente aos horários impostos, ao cumprimento das atividades e às regras de convivência; solidário, compreensivo com as diferenças de ritmos de aprendizagem dos colegas de classe, autônomo, calmo, estimulado, ciente dos momentos de falar e manter-se quieto, disciplinado, paciente e responsável; comprometido com os combinados feitos com a professora, possuidor de respeito pelo espaço social alheio, organizado, afetuoso e dócil.

A busca pela formação de um *aluno ideal* configura-se, então, como um processo de construção cotidiana, na qual devem ser consideradas qualidades intelectuais e comportamentais “modelos”, subjacentes à figura do aluno que a escola espera receber e cativar.

3 – A Escola Ideal x Escola Real:

² A categoria *aluno ideal* também faz referência aos estudos de CONSORTE (1959). Segundo a autora, a organização escolar demanda um tipo de aluno apto para atender as expectativas do sistema educacional muitas vezes distante do aluno recebido por esse mesmo sistema.

A *escola idealizada* por essas professoras, com os *objetivos ideais* alcançados e um *aluno ideal* conquistado no decorrer de seu percurso escolar, confronta-se, porém, com a *escola real*. Um elenco das dificuldades cotidianas enfrentadas por essas professoras merece atenção e especial cuidado das autoridades educacionais: as divisões do horário diário de trabalho na escola em três turnos (que provocam a concentração de grande número de alunos e limitam o espaço físico); as mudanças constantes no quadro de horários de funcionamento da escola (que inviabilizam a continuidade do trabalho); a dificuldade de acesso à escola (o que gera a necessidade de utilizar transporte coletivo) e a falta de interesse dos pais em dar continuidade aos valores e conhecimentos aprendidos na escola (dificuldade mais citada). Essa questão – culpabilidade dos pais no fracasso escolar dos seus filhos – tem sido objeto de estudo por parte de pesquisadores.

Tomando como fundamentação as falas das professoras entrevistadas, pode-se inferir que no registro de suas atividades e estratégias educativas, elas “vêm certos pais (...) como aliados incondicionais, outros como céticos, (ou) até mesmo como adversários mais ou menos declarados”.

O ponto de vista quase unânime das professoras, no entanto, tende mais a uma visão negativa da atuação dos pais no processo de escolarização dos filhos. Isso, de certa forma, demonstra uma dificuldade dessas profissionais em *aceitar os pais como eles são*, como propõe PERRENOUD (2000). Por outro lado, contudo, é preciso compreender que os exíguos engajamento e disponibilidade dos pais (explicitados nas falas das docentes entrevistadas) para com a aprendizagem dos filhos, pouco ou nada contribuem para fazer com que essas professoras consigam encará-los (os pais) como parceiros ou *aliados incondicionais*. Para as professoras, os pais vêm a pré-escola como um local em que seus filhos vão brincar e ocupar o tempo, sem preocupação com o processo de aprendizagem.

Foi, justamente, esse dado que nos induziu a empreender a segunda etapa de nossa pesquisa.

III – AS ESTRATÉGIAS DOS PAIS PARA CONCRETIZAR O DESEJO POR UMA “EDUCAÇÃO MELHOR”

Por ocasião das entrevistas com as professoras, tivemos acesso às fichas de matrícula dos alunos. A partir da avaliação dos dados contidos nas fichas de matrícula, selecionamos duas escolas de Educação Infantil da rede municipal de Campos (1º Distrito), e nelas, os pais ou responsáveis para realizar entrevistas. Uma das escolas localiza-se em zona periférica da cidade de Campos; a outra, encontra-se na zona rural. Um conjunto de indicadores foi utilizado para selecionar os pais entrevistados: nível de formação escolar, situação profissional, lugar onde moram e grau de conhecimento do sistema escolar.

A fim de se examinar as condições favoráveis (ou não) de famílias de camadas populares para alcançar os objetivos propostos pela escola de seus filhos e, por conseguinte, entender as redes de interdependência nas relações família-escola que expliquem os resultados escolares dos mesmos, semi-estruturamos as entrevistas, realizadas com uso de gravador. Procuramos detectar os meios disponíveis da família com vista à consecução de êxito escolar dos seus filhos, isto é, as estratégias que esses pais utilizam para garantir o sucesso escolar de seus filhos matriculados na pré-escola, através de perguntas como: - “Por que o Sr. ou a Sr^a colocou seu filho tão cedo na escola?”; - “Por que escolheu esta escola?”; - “Na sua opinião, a educação é importante?” – “Por quê?”; - “O que o Sr. ou a Sr^a faz para ajudar seu filho com as tarefas escolares?”

Quando se fala em estratégias, estar-se LAHIRE (2004) em sua obra “Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais”.

As entrevistas com os pais, assim como com as professoras, também foram feitas por adesão voluntária. Os que se mostraram favoráveis compuseram o grupo de pais da segunda etapa da pesquisa.

As entrevistadas possuem entre 18 e 43 anos de idade. A maioria delas é dona-de-casa; cursou, de forma incompleta, o 1º segmento do Ensino Fundamental; tem dois filhos e teve uma maternidade precoce (entre 14 e 16 anos). Grande parte mora num domicílio de, no máximo, quatro cômodos – na parte detrás (“nos fundos”) do terreno onde se localiza a casa dos pais – e divide o quarto com os filhos (em quase 100% dos casos).

As mães e avós entrevistadas têm suas ordens pouco acatadas pelos filhos e netos e costumam recorrer mais ao castigo enquanto mecanismo de punição e de demonstração de autoridade. É válido ressaltar, também, que todas elas vêem a escola como uma via de melhoria das condições socioeconômicas e uma via de sucesso com vistas à garantia de um “futuro melhor” e de aumento das possibilidades de “ser alguém na vida” (já que, segundo elas, quanto maior o nível de escolaridade, maiores as chances de obtenção de um “bom emprego”).

Para traçar os perfis das entrevistadas e entender as relações intrafamiliares, opta-se por organizar suas configurações a partir de **traços pertinentes da leitura sociológica** (LAHIRE, 1997): *as formas familiares de cultura escrita, condições e disposições econômicas, a ordem moral doméstica, as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico.*

Ao analisar os relatos das mães e avós entrevistadas, pode-se notar a importância atribuída, por elas, à pré-escola, em diversos aspectos. Para algumas entrevistadas, a pré-escola é importante, pois se configura como um local onde os filhos e os netos vão ser “guardados” e “cuidados” enquanto elas (ou os pais) trabalham fora ou mesmo dentro do próprio ambiente doméstico. Para outras, no entanto, a pré-escola apresenta-se como um local em que os filhos e os netos não vão simplesmente “passar o tempo”, mas sim, aprender novos saberes, novas competências, novos hábitos, novas regras de convivência; isto é, vão iniciar seus processos de escolarização, vão aprender a ler e a escrever, vão se socializar com pessoas alheias ao seu meio familiar e conviver com tipos de condutas, por vezes, diversos daqueles encontrados em sua configuração parental.

De qualquer forma, as mães e avós entrevistadas das duas escolas sabem que seu mundo social, alicerçado por regras comportamentais e esquemas de pensamento valorizados no âmbito de seu meio de origem (camadas populares), distancia-se em maior ou menor proporção do mundo escolar, estruturado por normas bem definidas e por ideais que as famílias das classes menos favorecidas pouco ou em nada podem corresponder. Por isso, levando em conta o que é almejado pela escola, essas mães e avós buscam criar e organizar, em seus ambientes familiares, novas práticas sociais. O critério de escolha de tais estratégias advém das primeiras experiências

escolares que as entrevistadas vivenciaram: experiências negativas as quais as mães e avós não querem ver repetidas nas trajetórias educacionais de seus filhos e netos³.

Nessa perspectiva, elas tentam constituir *disposições* que tenham como objetivos, por exemplo, tornar a experiência escolar dos filhos e netos positiva e aproximar suas vivências pessoais àquelas cultivadas na escola. Entretanto, vale ressaltar que a constituição de um novo *habitus* (cf. BOURDIEU,1983) não é capaz de apagar o *habitus* original, já que os atores individuais possuem um sistema prévio e coerente de representações de mundo, e as suas *disposições* tendem a persistir em condicionar as atitudes e raciocínios dos indivíduos que as portam.

As mães e avós entrevistadas citam em seus depoimentos algumas estratégias empreendidas nos seus núcleos familiares, isto é, algumas *ações pedagógicas* capazes de influenciar positivamente a escolaridade dos filhos e netos que, em certa medida, entram em consonância com os ideais da escola e com os pressupostos da ação pedagógica dos professores. Contudo, a visão das professoras por nós entrevistadas acerca dos pais dos alunos é contraditória com os relatos das mães e avós: o grupo de professoras afirma que os pais não dão continuidade aos ideais educacionais e não se interessam pela escolarização dos filhos, ao passo que as mães e avós entrevistadas dizem se preocupar com o processo de ensino aprendizagem dos filhos e netos e fazer o possível para que eles não abandonem os estudos e almejem ser “alguém na vida” (ter uma profissão).

IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito desse estudo foi o de examinar as relações entre a escola e a comunidade procurando identificar e cotejar os seus ideais educacionais, especificamente a pré-escola da rede pública municipal de Campos dos Goytacazes, com aqueles ideais perseguidos pelos pais de alunos.

Algumas mães e avós entrevistadas demonstraram ter uma compreensão da importância da pré-escola e fazem esforços para criar em seus filhos e netos *disposições* que lhes facilitem a adaptação às regras escolares e o entendimento da dimensão do processo de ensino-aprendizagem. Este esforço, contudo, para as professoras entrevistadas, não é suficiente para o alcance dos ideais

³ Muitas mães e avós não puderam prosseguir os estudos por motivos de gravidez, necessidade de trabalhar, falta de incentivo, etc, porém, não atribuem à escola as razões de seu fracasso.

educacionais estabelecidos pela escola e estão, pois, aquém daqueles patenteados para o *aluno ideal*.

A situação econômica modesta e o fraco capital escolar das mães e avós entrevistadas, expõem “aos olhos dos filhos (e netos), em múltiplas situações cotidianas, a fragilidade de suas competências em escrita, em matemática, ou de suas competências mnemônicas (...)” (LAHIRE, 1997, p. 344). Mães e avós, ainda que, em muitos casos, não tencionem, transmitem aos filhos e netos “um conjunto construído em relação à escola e à escrita – de angústias, de humilhações (...) – em relação ao tempo, à ordem e às pressões...” (ibid., p. 345). De fato, pode-se perceber nesse estudo que o baixo grau de conhecimento do sistema escolar das mães e avós resulta em impedimento para alcançar os ideais educacionais da escola. Por sua vez, a escola não estabelece com a família laços para intercambiar experiências. Esses fatores contribuem tão somente para acentuar a distância entre o contexto familiar e o contexto escolar nos quais a criança das camadas populares está imersa.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1983.
- CONSORTE, J. G. *A Criança Favelada e a escola pública*. Educação e Ciências Sociais, vol. 5, nº 11, p. 45 – 60, agosto de 1959.
- LAHIRE, Bernard. *Sucesso Escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo, Editora Ática, 1997.
- _____. *Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Didier Martin. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- PERRENOUD, Philippe. *Dez Novas Competências para Ensinar*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.